

ENTRE O FICAR SEM EMPREGO E O SAIR PARA A FIRMA: A MIGRAÇÃO DE TRABALHADORES SERTANEJOS PARA AS PLANTAÇÕES E COLHEITAS NO ESTADO DE GOIÁS

BETWEEN EMPLOYMENT AND OR LEAVE FOR SIGNATURE: MIGRATION OF WORKERS SERTANEJOS PARA AS PLANTING AND CROPPING GOIAS STATE

Ana Flávia Rocha de Araújo¹
Andréa Maria Narciso Rocha de Paula²
Adinei Almeida Crisóstomo³

Resumo: Este estudo é procedente de uma abordagem qualitativa onde o fenômeno migratório é visto como social e tem como objetivo apresentar alguns resultados obtidos em trabalhos e relatórios de campo no que se refere ao Projeto de Pesquisa: “Do sertão para outros mundos: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais” – CEPEX 034/2017. Encontramos no Norte de Minas Gerais, exemplos de espaços privilegiados para o movimento migratório. A “saída” para o trabalho tem sido marcada por um processo migratório forçado, caracterizado pela expulsão de seus moradores do seu local de origem pela falta de emprego, de políticas públicas, de escolaridade, dentre outros aspectos, que demonstram um desenvolvimento regional que não ocorreu de forma homogênea, o que acarretou em fenômenos “históricos na relação capital/trabalho” e ainda vêm se apresentando nos dias atuais. Nesse sentido, grande parcela da população no Município de São Francisco, migra para o trabalho nas empresas de agricultura, chamadas de “Firmas” para plantação e colheita no estado de Goiás. Tal fenômeno têm se caracterizado como “alternativa” para a reprodução da vida, bem como, um movimento cíclico que ocorre durante o ano, apresentando-se sob perspectivas diferenciadas através de seus sujeitos.

Palavras-chave: Migração, firmas, Norte de Minas Gerais e desenvolvimento regional.

¹ Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS. Pesquisadora e bolsista FAPEMIG pelo Projeto de Pesquisa “Do Sertão para outros mundos: As redes de Relações Sociais nos Processos Migratórios para o Trabalho do/no Norte de Minas Gerais” – CEPEX 034/2017. E-mail: anatravessia@gmail.com.

² Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS. Coordenadora do Grupo de Estudos OPARÁ-MUTUM. Coordenadora do Projeto de Pesquisa “Do Sertão para outros mundos: As redes de Relações Sociais nos Processos Migratórios para o Trabalho do/no Norte de Minas Gerais” – CEPEX 034/2017. E-mail: andreapirapora@yahoo.com.br.

³ Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGE. Pesquisador e bolsista do Projeto de Pesquisa Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central. E-mail: adinei_almeida@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Saí, vim destes meus Gerais; voltei com Diadorim. Não Voltei? Travessias... Diadorim, os rios verdes. A lua, o luar; vejo esses vaqueiros que viajam a boiada, mediante o madrugalar, com lua no céu, dia depois de dia. Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é; a coragem minha. Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água___ carece de espelho. Mestre não quem sempre ensina, mas quem de repente aprende. Por que é que todos não se reúnem, para sofrer e vencer juntos, de uma vez? Eu queria formar uma cidade da região. Lá nos confins do Chapadão, nas pontas do urucuia. O meu Urucuia vê, claro, entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital. O São Francisco partiu minha vida em duas partes. (GUIMARAES ROSA, 1986, p. 270-271)

Considerada área do Polígono das Secas⁴ pelas condições climáticas adversas, o Norte de Minas sempre esteve ligado ao fluir das águas do São Francisco e aos processos migratórios, uma vez que este foi palco de grandes descobertas, como por exemplo, as minas, o alto índice de produção de café, expansão pecuária e uma grande quantidade de terras livres, dentre outras atividades que geraram e continuam gerando fluxos populacionais. No entanto, a “seca” sempre foi compreendida por diversos segmentos sociais, como a principal causa para o subdesenvolvimento da região. Em função de tal discurso, foram instaladas políticas compensatórias no intuito de assegurar “melhor qualidade de vida” em épocas críticas. (PAULA, 2006).

De acordo com a história, desde o século XVI, os camponeses resistem contra a expropriação gerada pelo capitalismo. A migração então funcionava como forma de “sobrevivência” e resistência aos enfrentamentos que geravam mortes e massacres. Muitos são os exemplos de resistência e organização dos trabalhadores do campo que migrando por florestas e campos afora, desbravaram regiões e formas diferenciadas de lidar com o desenvolvimento imposto. (FERNANDES, 2001).

Segundo Paula (2006), o modo de produção capitalista (desde o mercantilismo), já privilegiava determinado produto de exportação em detrimento de outros. Chamados de “ciclos econômicos”, estes períodos (cana de açúcar, ouro, café e borracha) funcionavam como fator de atração para os processos migratórios. A partir da década de 1960 com a utilização intensa do processo de atividades agrícolas (embasados nos

⁴ O Polígono das Secas (ocorrência de secas periódicas), que faz parte do semi-árido brasileiro (representa 18% do território nacional), possui uma área estimada em 1.083.709,7 km², engloba a região Nordeste do Brasil e o norte e Nordeste de Minas. Conferir em PAULA, 2006, p.128.

pressupostos da Revolução Verde), os ciclos econômicos passam a ser substituídos por um intenso processo de modernização agrícola. Processo este que visibilizou ainda mais a concentração de terras e a dependência por uma dinâmica industrial. “Neste processo as modificações são irreversíveis na base técnica e no processo de trabalho através da passagem da subordinação indireta a subordinação direta do trabalho ao capital” (PAULA, 2006, p. 2).

O DESENVOLVIMENTO E MODERNIZAÇÃO REGIONAL

O processo de desenvolvimento do Norte de Minas ocorreu impulsionado por dois grandes fatos históricos: a criação de gado e a vasta quantidade de terras livres; que posteriormente enaltecera a região, trazendo em sua estrutura povos de várias etnias como: indígenas; africanos e europeus. (PAULA, 2009).

Desbravada pelos bandeirantes paulistas e baianos nos séculos XVI e XVII, a região tornou-se alvo de expedições em busca de riquezas e posses de terras. (LOPES, 2011). De acordo com Pereira (2004), as Entradas e Bandeiras, eram nomes atribuídos às expedições ocorridas no Brasil no período Colonial, com finalidade voltada para a exploração do território e conseqüentemente das riquezas advindas de sua exploração, bem como, a utilização de mão de obra escrava.

Segundo Rodrigues (2005), a partir dessas invasões, muitos bandeirantes não retornaram para seus lugares de origem e constituíram na região fazendas, que ligadas às margens do rio São Francisco, transformavam aos poucos a região e ditavam a economia local. Não obstante, às missões religiosas, acabaram por dizimar grande parte dos índios locais, através de doenças, miscigenação e aculturação; além dos fazendeiros da região, que na procura por posse de terras atacavam à população.

A região teve sua “composição organizacional fundada nas grandes fazendas de gado, nas propriedades herdadas dos tempos do Brasil colônia, no sistema de capitanias hereditárias, e no período do ciclo do ouro” (PAULA, 2009, p 63).

Segundo Rodrigues (2005, p. 1) a região Norte de Minas, “teve sua formação econômica ligada à agroexportação, abastecendo o Nordeste açucareiro com bovinos e derivados, e a agricultura de subsistência”. Posteriormente, desenvolvem-se outras atividades voltadas para a agroexportação como: algodão e produtos advindos do extrativismo vegetal (látex e a cortiça de árvores dos cerrados).

Foi através da cultura algodoeira que o Norte de Minas teve a oportunidade de exportar grande parte de sua produção, aumentando a participação da região nas atividades econômicas do país. Mas somente com a implantação da ferrovia no século XX, que a região conseguiu acelerar seu processo de desenvolvimento, proporcionando maior visibilidade para outras regiões do país, principalmente as cidades ribeirinhas, devido à utilização da navegação como transporte e escoamento da produção. A ferrovia então ligou a região ao restante do país, ocasionando o povoamento de áreas ainda não ocupadas, beneficiando a pecuária e escoando toda a produção.

De acordo com Lessa (2005), a implantação da ferrovia na região foi vista como promessa de progresso e civilização industrial, bem como, meio de integração das comunicações através dos territórios.

Esta imagem será estabelecida tanto pela presença do maquinismo ferroviário – como representante do avanço tecnológico da sociedade capitalista (na medida em que carrega as suas marcas: velocidade, produto industrial, controle do espaço e do tempo) -, quanto por ser o instrumento de propagação dos padrões capitalistas por todo o mundo pela ligação dos centros urbanos, palco do desempenho capitalista. Esta imagem faz da ferrovia um importante instrumento de constituição de um mundo cosmopolita. (LESSA, 2005, p. 44).

Com a chegada da ferrovia iniciava-se a vivência de uma nova era por assim dizer, as relações estabelecidas entre o espaço e o tempo não seriam as mesmas, o cotidiano tornar-se-á um construtor capitalista; com processos e transformações cada vez mais “globalizados”. A possibilidade de vida em outro lugar esteve sempre presente nesse período, os expropriados, dos sem destinos, rumo a novos horizontes.

Em meados dos anos de 1950, o Estado começou a intervir na região de forma efetiva, principalmente em relação ao combate às secas. Foi através deste contexto, que a região nortemineira e o nordeste brasileiro, ganharam estratégias para o combate a longos períodos de estiagem. Com a SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, “começou uma expansão capitalista impulsionada pelo Estado” (PAULA, 2012, p. 120).

Houve decisiva contribuição para a modernização da atividade pecuária e da agricultura, por meio de projetos de irrigação e conseqüentemente da industrialização de alguns municípios. No entanto, destaca-se neste mesmo período atividades que era

desenvolvida anterior a construção da ferrovia e da atuação da SUDENE que impulsionavam a economia local através de seus ciclos econômicos bem definidos, como o caso das plantações de algodão que favoreceu e fortaleceu a economia, bem como, contribuiu para o crescimento das cidades.

“Em 1963 o Norte de Minas foi incluído na área da SUDENE por meio da Lei n. 4.239”, que considera o Nordeste a região abrangida pelos seguintes Estados: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e ainda a zona do Estado de Minas Gerais (Polígono das Secas), e o Território de Fernando de Noronha. (SANTOS, 2011, p. 8).

A semelhança entre o Nordeste e o Norte de Minas pode ser encontrada nas características econômicas, sociais e culturais de ambas as regiões, assim como, a população, a estrutura produtiva, os hábitos e o próprio território. Além disso, “faz com que os indicadores de subdesenvolvimento mais comuns no Nordeste, ali também se verifiquem” (CARDOSO, 2000, p. 218-219).

Dessa forma, a criação da SUDENE intensificou as relações do Norte de Minas com a região do Centro-Sul, instaurando uma economia junto à região. Nesse contexto, as intervenções estatais geraram uma reprodução capitalista no Norte de Minas, que intensificou a modernização da região e abertura de novos mercados favorecendo as atividades industriais do Centro-Sul. (FURTADO, 2004).

A década de 1960 foi então um período de transição e de intensas modificações na região. Foi o período em que os municípios se adequavam aos moldes estatais para receberem os incentivos, e a população se adaptava as novas dinâmicas. Os grandes projetos ocorreram de fato a partir da década de 1970, dando lugar às companhias de desenvolvimento como, por exemplo, a CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba que junto a SUDENE atuou na implantação de grandes projetos de irrigação.

Juntas, as companhias viabilizaram políticas de incentivos fiscais e financeiros para a ascensão da economia, especialmente nos setores agroindustriais de reflorestamento e irrigação. (PAULA, 2006). A partir de políticas viabilizadas nos setores agroindustriais, houve na região uma modernização tecnológica agrícola e industrial, desencadeando num aumento de serviços públicos.

No entanto, o “progresso” seguia quebrando barreiras e consolidando os meios de produção, em contrapartida a um grande aumento de concentração de terras e expropriações de populações locais. Fenômeno que desencadeou conflitos sociais, principalmente no âmbito da luta pela terra, marcando uma disputa entre os pequenos agricultores com as grandes empresas e indústrias capitalistas.

No Norte de Minas Gerais, a modernização no campo teve o seu início, segundo Feitosa e Barbosa (2005), quando foi inserida na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). O governo federal liberou linhas de crédito para incrementar a agricultura irrigada, a monocultura de eucalipto e de algodão e pecuária extensiva. No entanto, esse modelo de modernização, inspirado na chamada “Revolução Verde”, agravou o endividamento e o empobrecimento dos pequenos agricultores, além da degradação dos recursos naturais e da manutenção da concentração fundiária. Por outro lado, na década de 70, o financiamento da SUDENE, no Norte de Minas Gerais, beneficiou diretamente grandes empresários, industriais paulistas e estrangeiros, agricultores gaúchos e japoneses e empresas rurais. Houve, portanto, a exclusão da população rural pobre, nesse processo de desenvolvimento (MONÇÃO E MARTINS, 2008:6).

A proposta de modernização do Estado configurou o cenário de desigualdades instaurado no país. Com a realização da proposta a região sofreu com a diminuição da oferta de trabalho rural, o aumento de empregos temporários, e conflitos por terras disputadas pelos trabalhadores e por grileiros devido à intensa concentração de terras. À priori, o objetivo do Estado através da intervenção junto à SUDENE, era o de superar o desequilíbrio socioeconômico na região. A ação acabou por beneficiar os grandes proprietários, em detrimento dos trabalhadores rurais. (PAULA, 2003).

SÃO FRANCISCO: O BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA

Inserido na microrregião⁵ de Januária, considerada a mais pobre do Estado, possuindo o menor Produto Interno Bruto (PIB) e maior índice de pobreza, o Município se destaca com seus baixos índices e a incidência de políticas públicas, como forma de amenizar a realidade posta. “Grosso modo, o próprio Norte do Estado de Minas Gerais

⁵ As microrregiões são conhecidas por seu uso prático pelo IBGE com finalidades estatísticas. As microrregiões são divididas com base nas proximidades espaciais, econômicas e sociais. Segundo a Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerias, há na macrorregião norte do estado de Minas Gerais sete microrregiões: Bocaiúva, Grão-Mogol, Janaúba, Januária, Montes Claros, Pirapora e Salinas (BATISTA, 2010, p. 27).

é caracterizado como uma – região problema, marcada pelo atraso econômico, péssimos indicadores sociais (renda, escolaridade, saúde) altos índices de pobreza e fome”. (BATISTA, 2010, p. 28).

Figura 1 – Bairro Sagrada Família



Fonte: CRISÓSTOMO, Adinei Almeida. Julho de 2017. Arquivo OPARÁ-MUTUM.

Assim como outros municípios e regiões do país, São Francisco vem vivenciando tempos alarmantes, de falta de emprego para a maior parte da população, um crescimento demográfico relativamente alto em relação aos baixos índices apresentados pelo Município, e o grande fluxo migratório para outras cidades e regiões em torno. Processos que ocorrem cada vez mais com maior frequência.

De acordo com Brandão (1995), o oposto mais próximo do sertão é o bairro, que “é um lugar ainda plenamente rural, mas já não selvagem, e é o lugar da vida para onde converge o trabalho camponês... lugar que torna estável a cultura rural” (BRANDÃO, 1995, p. 48). Em sua maioria, os bairros recebem seus nomes através de sua condição e das dinâmicas recorrentes no processo de formação, envolvendo em seu contexto, nomes de santos, nomes da natureza e de incorporações culturais. Ainda que exista uma preservação das características rurais nos bairros urbanos, estes com o passar dos tempos e dos processos sociais, receberam condições e estruturas urbanas.

Num bairro, as interações nas relações sociais dos indivíduos podem ser compreendidas devido à heterogeneidade dos grupos dos quais fazem parte e da heterogeneidade dos próprios indivíduos que se mostram múltiplos em ações, sentidos e entendimentos da realidade social da qual estão inseridos. Na concepção de Carvalheiro (2008), quanto maior é o grau de heterogeneidade de uma população, mais se abstrai os modos de vida de determinado lugar.

Nesse contexto, o Bairro Sagrada Família foi fundado em 1979, no contexto da grande enchente do Rio São Francisco, o que “favoreceu a hegemonia da caridade como instrumento mediador principal. As principais casas do bairro foram construídas com doações enviadas da Europa, principalmente Alemanha”, para socorrer vítimas da grande enchente. (SOUZA, 2011, p. 6-7).

Com o aumento considerável da população e a falta de emprego e de habitação, os *chegantes* da enchente passaram a receber ajuda da Igreja Católica, por meio da Congregação Sagrada Família⁶, o que mais tarde originou o nome do próprio bairro. De acordo com Souza (2011) as vítimas chegavam a quase 10.000 desabrigados. O clérigo, ao socorrer, imaginava-se cumprindo uma profecia. Para Santos (2008),

...a formação do bairro Sagrada Família, na região leste de São Francisco, pode vir confirmar uma “profecia”, deste município, do final do século XIX. Em 1897, o Presidente da Câmara Municipal e Agente Executivo de São Francisco, Coronel Jacinto Augusto de Magalhães, legitimou padrões para futuras construções da cidade, e destinou a região leste para moradia e construção das famílias pobres. (...) a enchente foi o fator contribuinte para a concretização desta profecia excludente, preconceituosa e depreciativa. (...) Com isso, nota-se que o bairro já se constitui com elementos depreciativos impregnados sobre os moradores que povoariam este local (SILVA, 2008, p. 56).

A constituição do bairro não foi algo planejado pelo poder público local, foi uma recorrência de inúmeros fatores e acontecimentos sociais. De acordo com relatos dos moradores, o Bairro Sagrada Família originou-se pela “fuga de enchentes, despejo de algum outro bairro que ficava na região central da cidade e cujas casas foram ‘tomadas’

⁶ De acordo com Farias (2006, p. 9) A congregação Sagrada Família foi fundada pelo Padre francês João Batista Berthier, em Grave, na Holanda em 1895.

(categoria êmica) pela prefeitura, além de conflitos pela terra travados com donos de fazendas” (SANTOS, 2015, p. 70).

Em contrapartida, a modernização e a urbanização resultam de processos ativos e dinâmicos, desencadeados, paralelamente, pelas próprias comunidades locais, que interpretam e se apropriam singularmente de uma série de fatores de ordem socioeconômica e sociocultural. O espaço rural é cada vez mais aberto e interdependente, e a sua natureza deriva em grande medida da diferenciação social que advém dessa mesma abertura. É, portanto, um espaço relacional que ancora a sua especificidade na forma como se organiza a vida local. (CARMO, 2009).

ENTRE O FICAR SEM EMPREGO E O SAIR PARA A FIRMA: AS REDES DE RELAÇÕES SOCIAIS

O Bairro Sagrada Família foi formado por um intenso processo migratório como posto anteriormente, e atualmente vivenciam a migração de seus moradores para as “firmas” como denominadas por eles as empresas de agricultura para plantação e colheita; por meio de uma rede de relações sociais.

Nesse sentido, para melhor compreendermos a dinâmica dos moradores do bairro, é necessário estabelecermos os aportes teóricos que nos auxiliarão na apreensão do processo migratório por eles vivenciados.

O atual debate das migrações contemporâneas tem sido marcado pelo desvelamento das novas/velhas mobilidades dos sujeitos. Os modelos macroeconômicos não dão conta de explicar pelo viés economicista as concepções multifacetadas dos processos migratórios dado pelos fatores políticos e culturais.

Alguns estudos revelam que os novos arranjos familiares e as redes de relações sociais formam o alicerce para a criação, expansão e manutenção dos processos migratórios. De acordo com Fazito (2014) ainda não há uma descrição formal de como as famílias influenciam o processo migratório, ou seja, qual o papel que de fato desempenham na determinação dos fluxos migratórios. Também não há um consenso sobre as determinações que os arranjos familiares poderiam imputar sobre os padrões de migração.

A noção de família está mais aberta e ampliada, porém são mantidas as mesmas

expectativas sobre o papel da família e suas responsabilidades enquanto um grupo/arranjo de proteção e cuidados dos indivíduos, principalmente o papel da mulher/mãe como principal elemento provocador de mudanças, e tendo um papel ativo. (CARLOTO E SILVANO, 2008).

Nesse contexto é importante perceber que a migração não é resultado apenas de uma escolha racional, mas também de estratégias familiares nas quais homens e mulheres estão inseridos, contribuindo para rearranjos das relações familiares e de gênero. (SERTÓRIO e SANTOS, 2010).

A procura de trabalho migrante ocorreu, muitas vezes, em setores de atividades específicos. As sociedades receptoras há muito albergavam, na sua estrutura, um lugar para o trabalho contratado no exterior das famílias. (BAPTISTA, 2009).

Para Wall *et al.* (2012) recentemente, vários autores analisam o impacto da globalização e das mudanças demográficas e sociais na Europa, mostrando que o recrutamento de trabalhadores para certos setores de serviços tem reforçado o apelo a fluxos contínuos e intensos de migração; a existência de cadeias globais de cuidados, referindo-se através deste conceito a uma globalização crescente.

Em meio ao lugar de partida e chegada, além de laços de família e tradição presentes, é necessário identificar as permanências e rupturas do caminho de retornar ou (re)construir um novo lugar, seus tempos e espaços e representações sociais de quem o vivencia ou vivenciou.

Em São Francisco, podemos visualizar a presença de uma rede de relações para o trabalho que se expandem para Belo Horizonte e para o estado de Goiás. Contudo, há que ponderar que essa rede pode ser compreendida de acordo com seus atores e seus distintos cenários. No bairro Sagrada Família a saída de homens e mulheres têm se tornado cada vez mais freqüente em virtude da falta de emprego e conseqüentemente de políticas públicas que auxiliem a população local a permanecerem em seus locais de origem.

De acordo com os trabalhos de campo realizados e em conversas com os sujeitos do lugar, os locais de destino se modificam quando o processo é realizado por mulheres e quando realizado por homens. Na maioria dos casos, o destino das mulheres é para capital Belo Horizonte para o trabalho doméstico, enquanto o processo quando

desencadeado por homens, é para o estado de Goiás para colheita e plantação em empresas de agricultura, usualmente chamadas de “Firmas”, foco deste trabalho.

O Bairro Sagrada Família é em si um bairro urbano com características rurais, que foi formado por um processo migratório de pescadores artesanais⁷ e do grande auxílio da Igreja Católica (construção de casas e trabalho social junto às famílias desabrigadas) que atualmente vivencia o processo migratório em suas diferentes esferas sociais, principalmente para o trabalho nas firmas de plantação e colheita.

Na figura abaixo podemos visualizar o calendário das migrações para o trabalho nas firmas e seus desdobramentos no decorrer do ano.

Figura 2 - Calendário das Migrações Temporárias nos Trabalhadores no Município de São Francisco – MG – Calendário elaborado a partir de entrevistas

Meses			
Novembro (últimas semanas)	Dezembro	Janeiro	Fevereiro
<p>Os Trabalhadores retornam das Firmas para a cidade.</p> <p>Fim das colheitas da cebola, do alho e da batata.</p> <p>Os Trabalhadores, neste período permanecem na cidade, os homens trabalham principalmente na prestação de serviços, como pedreiros, pintores e serventes de obras e as mulheres no comércio local, ou trabalham em casa, tendo como principal fonte de renda da família, o benefício do Programa Bolsa Família.</p>			
Meses			
Março		Abril (primeiras semanas)	

⁷ As enchentes foram causadas pelo grande acumulado de chuva entre janeiro e fevereiro do ano de 1979 no [Espírito Santo](#) e em toda a porção leste do estado de [Minas Gerais](#), durante 35 dias seguidos de chuvas intensas e contínuas. Ver ARAÚJO 2014.

<p>Época das plantações da cebola, do alho e da batata.</p> <p>Alta procura de Trabalhadores pelos empregos nas Firmas.</p> <p>Os Trabalhadores começam a ir para as Firmas.</p>							
<p>Meses</p>							
<p>Abril (últimas semanas)</p>	<p>Maio</p>	<p>Junho</p>	<p>Julho</p>	<p>Agosto</p>	<p>Setembro</p>	<p>Outubro</p>	<p>Novembro (primeiras semanas)</p>
<p>Época da colheita da cebola, do alho e da batata. (últimas semanas do mês de abril, marcando o início da colheita).</p> <p>Grande procura de Trabalhadores pelos empregos nas Firmas.</p> <p>Começo do retorno dos Trabalhadores para a cidade (início do mês de novembro, marcando o fim das colheitas).</p>							
<p>Os Trabalhadores agora empregados ficam nas Firmas, durante o período de quarenta e cinco dias.</p> <p>Retornam para a cidade de São Francisco, ficando entre uma semana, quatro ou três dias e retornam novamente para as Firmas.</p> <p>Continuando assim um verdadeiro Ciclo das Migrações Temporárias.</p>							

Fonte: CRISÓSTOMO, Adinei Almeida. Outubro de 2015. Arquivo OPARÁ-MUTUM

O desenvolvimento de tecnologias para a agricultura e irrigação são hoje, fatores que contribuem para a saída de camponeses, ribeirinhos, pescadores, sertanejos, geraizeiros, dentre outras identidades sertanejas. Contudo, ainda existem as concentrações fundiárias, que reproduzem a pressão migratória, ocasionando um grande contingente de pessoas inadaptadas aos desafios da vida urbana, evidenciando uma forma de migração negativa. Tais migrações, por acontecerem forçadas, provocam redefinições nos espaços sociais não somente àqueles que migram; como também àqueles que ficam. Quando fazemos referência ao processo migratório enquanto uma condição/imposição forçada estamos colocando à luz da reflexão os contextos históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais, que desencadearam no indivíduo a necessidade/desejo de migrar. Com isso, ocorre uma reestruturação nas dinâmicas familiares, para que o mundo/casa continue em funcionamento, e o mundo/trabalho possa acontecer através do indivíduo migrante.

Aldimar Pereira dos Santos, 38 anos, “gato”⁸ em entrevista concedida a ARAÚJO, Ana Flávia Rocha de; em Abril de 2018 relata como começou o trabalho na firma e a importância desse trabalho para o município, bem como, o lado “positivo” do processo migratório. Vale ressaltar, que Aldimar é filho de Pedro Verde⁹ um dos pioneiros na dinâmica de levar homens para as colheitas, o que nos mostra que além de uma rede bem estabelecida é um processo que é passado por gerações na família.

Ana Flávia: *Me conta um pouco como é que você começou nesse trabalho?*

Aldimar: *Eu trabalhava aqui, numa oficina aqui, daí surgiu essa oportunidade pra cá, que o pessoal vinha pegava o pessoal aqui pra levar pra essas firma lá, é um meio de ganhar mais dinheiro né, porque aqui a gente não conseguia um emprego pra poder fazer, construir, que era o mais difícil né, aí apesar que a gente começou sair pra fora aí, já conseguiu construir a casinha da gente, comprar o carrim da gente né, e assim por diante, tamo até hoje, nessa luta lá.*

⁸ Gato é uma categoria nativa para aqueles responsáveis por estabelecer contato entre os trabalhadores e as empresas contratantes (firmas – categoria nativa). Também são chamados de atravessadores (categoria nativa).

⁹ Um dos primeiros homens no bairro Sagrada Família a realizar “parceria” com as empresas de plantação e colheita, que além de trabalhar nessas empresas começou a levar homens da mesma forma que hoje seu filho faz. Seu nome Pedro Verde se deve a cor da sua casa no bairro, o que o caracterizou pelos moradores.

Ana Flávia: *Foi você que procurou eles, ou a firma que te procura? Como é que é?*

Aldimar: *Eles que procura a gente.*

Ana Flávia: *Mas como eles têm o contato seus?*

Aldimar: *É porque aqui é um lugar que tem muita gente, emprego é nada, então é uma oportunidade mais fácil de eles estarem encontrando os trabalhador né, e a gente precisa do serviço.*

Ana Flávia: *E como é o trabalho lá?*

Aldimar: *A pessoa vai, fica 45, 60 dias (pausa) Igual mesmo na colhida da batata lá pra nós, fica bem complicado. Então, no período que a batata tá boa de colher você tá lá 60, 70 dias. Inclusive a primeira vez, ficamos 45 dias. A primeira vez que eu sair daqui pra lá, foi pra acompanhar meu pai né. Eu estudava, mas a coisa não era fácil aqui não. Então... ele não queria me levar, mas eu falei: preciso construir minha vida. Eu preciso viver pelas minhas próprias mãos. Então ele: “se você que ir, então vão”. Aí tomei gosto por aquilo. É como eu estava dizendo: o desemprego aqui é tão grande que a gente não precisa estar procurando, eles já conhecem a gente aqui mesmo, então eles vêm procurar a gente... Ai você só seleciona os melhores homens.*

Ana Flávia: *E como você seleciona?*

Aldimar: *Não, porque é gente de todo o tipo né, então a gente tem que ter uma (pausa) saber quem podemos levar. Por exemplo: a pessoa bebe demais, “enche” o saco, pra gente já não serve, pois a gente trabalha com excelentes pessoas. São poucas né, mas as que a gente leva tem garantia que não vai dar nenhum tipo de trabalho com eles.*

Ana Flávia: *E o trabalho é com carteira assinada?*

Aldimar: *Tudo de carteira assinada. Ai faltando uns cinco dias pra poder ir, vem o médico de lá, pra fazer o exame de todo mundo. Aqueles que tiverem aptos pra trabalhar, vão. Os que não tiverem aptos para trabalhar, eles já vão fazer as consultas e medicar.*

Ana Flávia: *O que eles consideram como aptos?*

Aldimar: *A pessoa ali, não estando doente né, não tendo problema nenhum, não tendo problema de coração né, nem de audição, porque trabalha muito com máquina. Então se tiver uma pessoa ali que quase não escuta o barulho da máquina, pode acabar acontecendo uma tragédia né... Inclusive nós já tivemos um caso assim, um rapaz que tinha um problema de audição, até eu parei de carregar ele. Bom de serviço, ótima pessoa, mas já tem esse tipo de problema que a gente tem medo né.*

Os processos migratórios para as “Firmas” têm se mostrado uma das poucas alternativas encontradas pelos moradores do bairro Sagrada Família para reprodução da vida e para aquisição de algum bem material específico.

Como podemos perceber no relato do senhor Aldimar, o calendário das migrações é bem característico, e apresenta a realidade de muitos brasileiros. Entre os meses de novembro a fevereiro, é a época que encontramos os trabalhadores no bairro, pois é o período que caracteriza o fim da colheita da cebola, do alho e da batata. É o período também que estes trabalhadores fazem “bicos” como pedreiros, pintores, dentre outros, chegando a trabalhar em outros Estados, como São Paulo por exemplo.

Entre março e abril, é a época das plantações da cebola, do alho e da batata. Período também que mostra a alta procura pelo trabalho nas firmas e da afirmação do processo migratório. Alguns trabalhadores “decidem” ir para as “firmas” para alcançar algum propósito em particular: realizar o casamento, comprar uma moto, um carro, uma geladeira, dentre outros. O que comprova que o processo migratório não só é necessário, como também legítimo pela forma como se reproduz e com que acionado pelos sujeitos.

De acordo com Paula (2003, p.83) os constantes deslocamentos modificam as relações da família rural, por tempo determinado. “Enquanto o homem parte em ‘busca’ da sobrevivência, a mulher assume posições tradicionalmente desempenhadas pelo ‘chefe’ da família”. Mas, com sua chegada, os papéis se incorporam à forma com que antes eram desempenhados.

É interessante observar essa relação de papéis no bairro Sagrada Família, porque na ausência dos homens, as mulheres são as responsáveis pela casa, pelo cuidado com as crianças, com as pequenas plantações na vazante do rio e por manter a presença do homem “viva” naquele núcleo familiar, ainda que a ausência física seja existente.

Figura 3 – Trabalhadores na firma – Colheita da Cebola



Fonte: SANTOS, Aldimar Pereira. Abril de 2018

Nos trabalhos de campo, também foi observado que durante o período que caracteriza o início das plantações (março e abril) os “gatos”, como conhecidos aqueles homens responsáveis por levar esses trabalhadores para as “firmas” construíram um sistema de “prioridade” para àqueles que serão selecionados para o trabalho. Tal sistema consiste na entrega da carteira de trabalho para o responsável, que vai enfileirando de acordo com a quantidade solicitada de homens. Assim, os primeiros a entregarem a carteira é quase certo que conseguirão o trabalho, faltando a avaliação do médico. Tal sistema pode ser compreendido como uma rede de confiança e reciprocidade estabelecida entre o trabalhador e o atravessador (gato).

O debate sobre as redes de relações sociais permeia a compreensão dos diferentes tipos de interação/comportamento percebidos entre os indivíduos. Mathias (2014) revela que a teoria das redes admite que o comportamento dos indivíduos de um grupo e sua estrutura se realiza no âmbito do espaço social formado pelo próprio grupo e seu entorno.

Desse modo, as relações entre família, migração e trabalho convergem para uma

análise da estrutura social a partir de uma perspectiva relacional (re)colocando no centro do questionamento a interação social. Posteriormente, a discussão das redes de relações sociais no âmbito dos laços informais da produção de bem-estar, mostrando que a ação destas redes obedece aos princípios gerais do sistema de dádiva, reciprocidade, confiabilidade e convivialidade.

O conceito de redes sociais na visão de Maia (2002, p. 59):

Constitui um instrumento teórico da maior validade porque permite acompanhar no espaço e no tempo – e, portanto,, em diacronia – os protagonistas de um determinado processo, neste caso as migrações, permitindo também superar algumas teorias construídas numa base meramente espacial sobre a diferenciação de sociedades, como, por exemplo, a da dissolução das relações sociais primárias em meio urbano ou a da sua rejeição para um plano de inferioridade.

Neste sentido para uma análise de redes torna-se importante verificar os vínculos firmados entre as pessoas. Mark Granovetter (1973) foi, sem dúvida, aquele cujas ideias mais influenciaram as discussões referentes às ligações reticulares. Para o autor, em toda rede há dois tipos de vínculos: fortes e fracos. Os primeiros seriam aqueles que expressam maior proximidade entre os indivíduos, sendo que os segundos denotam dado grau de afastamento social. (GRANOVETTER, 1973).

Já no que se refere aos meses de abril a novembro é a época referente à colheita, e o trabalho é marcado pelas idas e vindas dos trabalhadores entre o bairro e a firma. De acordo com relatos dos trabalhadores e do próprio Aldimar, eles permanecem nas firmas durante 45 a 60 dias e retornam à cidade durante 4 a 5 dias, e retornam novamente para às firmas; continuando assim um verdadeiro ciclo migratório que perpassa o ciclo das plantações/colheitas.

A ideia de rede como instrumento teórico para análise dos processos migratórios é complexa, e de acordo com Piseli (1998) deve ser tratada como um conceito analítico. Neste sentido, faz ancorar suas análises no indivíduo enquanto centro de uma rede de relações múltiplas, enquanto unidade indispensável de análise de uma sociedade complexa, e caracterizada pela heterogeneidade, pelo conflito e pela fluidez.

Ao analisar as redes como processos integrativos, a dúvida que se estabelece é sobre essa visibilidade de que rede está falando? As redes se estabelecem em espaços de convívio, é no interstício das relações entre as pessoas que são possíveis verificar sua

efetivação. Neste sentido, podemos falar em redes de parentesco, redes de amizade, redes de vizinhos, redes de conterrâneos, rede de evangélicos, redes de apoio comunitário, etc.

Ponto central nessa análise é analisar o que chamamos de capital social (reciprocidade e confiança). Bourdieu (1998) afirma que o capital social é um conjunto de relações que o indivíduo ou grupo dispõe. A forma como os sujeitos sociais a utilizam visa posicionar-se nos espaços sociais em que estão inseridos.

Bourdieu (1998) completa dizendo que o espaço social é marcado pela distribuição desigual de diferentes formas de capital disputadas nos campos sociais, onde grupos de agentes detentores de formas e volumes de capital se enfrentam pela dominação do espaço.

Nesse sentido, quando pensamos em rede de relações sociais no bairro Sagrada Família, podemos compreender que se trata de uma rede de reciprocidade e de confiabilidade onde a relação estabelecida entre o gato e a empresa é de extrema importância, assim como, a relação estabelecida entre o gato e os trabalhadores. Vale ressaltar, que ficou evidente nos relatos e nas observações realizadas que há possibilidade de ascensão no trabalho nas firmas, que foi o que aconteceu com o Aldimar. A primeira vez que ele foi para a “firma” foi com o pai e ainda era menor de idade como descrito no relato anterior, mas devido ao bom trabalho ele passou a ser “apontador”¹⁰ além de auxiliar no levantamento e na leva de homens para o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: MIGRAR: RESISTIR PARA PERMANECER

“Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo!” (João Guimarães Rosa, 1986, p.134)

Quando refletimos a categoria trabalho no contexto dos processos migratórios, tão importante quanto o próprio ato desencadeado pela força humana é a compreensão do trabalho nas relações sociais dos indivíduos, principalmente no âmbito do rural e do urbano. Neste trabalho, buscamos refletir sobre o processo migratório de sertanejos oriundos do município de São Francisco para o trabalho nas “firmas”, tendo em vista as redes de relações sociais estabelecidas e acionadas durante este processo. Para os

¹⁰ Responsável pelos levantamentos e registros dos demais trabalhadores.

sujeitos “migrantes” do bairro Sagrada Família, o trabalho é visto e sentido como uma atividade necessária para a manutenção da vida, bem como, espaço de definição das relações pessoais e de produção.

O processo migratório tem ocorrido de forma intensa e destinado quase que em sua totalidade para o trabalho nas “firmas” de plantação e colheita da batata e da cebola. Sendo uma categoria nativa, as “firmas” que são as empresas de agricultura, têm representado papel fundamental na economia e na vida dos trabalhadores sertanejos, assim como, o Programa de Transferência de Renda Bolsa Família que segundo dados da Secretaria de Saúde representa cerca de 80 % da economia do município.

Segundo relatos, o trabalho nas “firmas” é caracterizado por uma atividade que exige certa força braçal e é realizado em sua totalidade por homens. Em contrapartida, ficam sob a responsabilidade da mulher os cuidados com a casa, com os filhos, com as pequenas plantações na beira rio, e é onde é possível perceber as nuances e representações dos papéis sociais estabelecidos no núcleo familiar. Na ausência dos homens, os papéis se invertem, e as mulheres passam a representar todos os papéis. No entanto, com o retorno dos homens, a representatividade do núcleo familiar retorna ao que era antes da saída dos homens para o trabalho.

Cabe ressaltar, que nos dias atuais, as migrações têm seguido um calendário bem definido através dos tempos e ciclos das plantações e colheitas, o que conseqüentemente vem afetando a dinâmica familiar e resultando nos deslocamentos socioespaciais com maior frequência. São tempos marcados pelo trânsito e transição entre as localidades, de adaptação em novos trabalhos, e de reinvenções das práticas sociais. Para Paula (2009, p. 265) as ocupações que os migrantes conseguem são quase sempre temporárias. “Sempre mudando de emprego, o que causa desgaste físico e poucos direitos trabalhistas”, uma vez que não se estabelecem em nenhum trabalho e estão sempre retornando para os locais de origem para a festa, para a família.

Dessa forma, identifica-se que as motivações individuais, as relações familiares, a origem social e cultural, se apresentam como elementos que concorrem para a produção do espaço dos migrantes sertanejos. Migram para construção de uma casa, para a realização do casamento, para o enxoval do filho, mas, sobretudo, migram para permanecer. A migração então, para além de uma forma de manutenção familiar têm se mostrado uma resistência. Resistência para permanecer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG pelo auxílio financeiro através de concessão de bolsa de Apoio Técnico pelo Projeto “Do Sertão para outros Mundos: As Redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais” – CEPEX 034/2017.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Flávia Rocha de. Por caminhos de águas e terras: o processo migratório de pescadores artesanais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS/UNIMONTES. 2014.

BAPTISTA, Luís Vicente (2006). Urbanização, Ruralidade e Suburbanidade: Conceitos e Ruralidades. In: Sociologias. BATISTA, Elicardo Heber Almeida. “Povos” De Santana: Condições De Vida E Mobilidade Espacial No Norte Do Estado De Minas Gerais. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. 2010.

BATISTA, E. H. A. **“Povos de Santana”: condições de vida e mobilidade espacial no Norte do estado de Minas Gerais**. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Agricultura, Desenvolvimento e Sociedade), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.

BRANDAO, Carlos Rodrigues. **A Partilha da Vida**. TAUBATÉ: CABRAL, 1995.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUSSE, E.; IZAGUIRRE, L.; VASQUEZ, T. **Entre legalidad e ilegalidad: migrantes haitianos em trânsito por Perú con destino a Brasil**. CONGRESSO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 4., 2014, Montes Claros-MG. Anais. Montes Claros- MG: Unimontes, 2014.

CARMO, R. (2009), “A Construção Sociológica do espaço rural: da oposição à proposição”, In: Sociologias, 11, 21, 252-280.

CARVALHEIRO, Ricardo José. Que margens tem o urbano ? Modos de olhar e de interagir entre a cidade e as serras. In: VAZ, Domingos. Cidade e Território: Identidades, urbanismos e dinâmicas transfronteiriças, Lisboa: Celta Editora. 2008.

COSTA, João Batista de Almeida. Cultura Sertaneja: A Conjunção de Lógicas Diferenciadas. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro dos(org). Trabalho, Cultura e Sociedade No Norte/Nordeste de Minas. Montes Claros: BEST,1997.

_____. Tomando alho por bugalhos: O decantado desenvolvimento do Norte de Minas. Unimontes Científica – Revista da Universidade Estadual de Montes Claros; v. 7, n.º2, (Julho/Dezembro de 2005). Montes Claros; 2005.

FAZITO, D. **A configuração estrutural dos arranjos familiares nos processos migratórios: a força dos laços fortes para a intermediação**. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/FamPolPublicas/DimitriFazito.pdf>>. Acessado em 24 de janeiro de 2014.

FERNANDES, Mançano Bernardo. Brasil: 500 anos de Luta pela Terra. Disponível em . Acesso em 4 de maio de 2001.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. **American journal of sociology**, v. 78, n. 6, p. 1360 – 1380. 1973.

LESSA, Simone Narciso. Trem de ferro: do cosmopolitismo ao sertão. Montes Claros: Augus, 2005.

LOPES, Janaína Rodrigues. O Ser e o fazer ribeirinho: a fabricação artesanal de cachaça na comunidade Brejo do Amparo no Município de Januária. Monografia, Unimontes. 2011.

MAIA, R. L. Migrações e redes de relações sociais em meio urbano: um exemplo a partir do Porto. **Revista de Demografia Histórica**, XX, I, p. 53-80, 2002.

MATHIAS, C. L. K. Análise de rede social. **Revista Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v.11, n.1, p. 131-146, Jan./Jun. 2014.

MARTINS, José de Souza. A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 3 e 4. “O problema das migrações e da exclusão social no limiar do terceiro milênio”. Pg. 119 – 137. Cap. 4 “A vida entre parênteses – Migrações internas no mundo contemporâneo” – Pg. 139 – 150.

_____. O Voo das Andorinhas: Migrações Temporárias no Brasil. In: Não há terra para plantar neste verão. Petrópolis/RJ; Vozes. 1896.

_____. O tempo da fronteira retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. Tempo Social, Rev. Sociol. USP, S. Paulo, n.º 8, v. 1, p. 25-70, maio de 1996.

_____. A chegada do Estranho. São Paulo: Hucitec, 1993.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula. Sair do sertão, viver nele: as migrações sertanejas. In: Travessia: Revista do migrante. Publicação do CEM – Ano XXVI, n.º 72, Janeiro – Junho/ 2013.

_____. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Travessia no sertão dos gerais: tradição e modernidade nas margens do São Francisco. In: FEITOSA, Antônio Maurílio Alencar. ZUBA, Janete Aparecida Gomes. JUNIOR, João Cleps. Debaixo da lona: tendências e desafios regionais da luta pela posse da terra e da reforma agrária no Brasil. Goiânia – (GO): UCG, 2006.

_____. Integração Dos Migrantes Rurais No Mercado De Trabalho Em Montes Claros, Norte De Minas Gerais: "A Esperança De Melhoria De Vida". 2003; Universidade Federal de Uberlândia - Dissertação de Mestrado.

_____. Travessias – Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas. Tese de doutorado. UFU, 2009.

_____. BRANDÃO, Carlos Rodrigues; CLEPS JUNIOR, João. Pesquisa de campo e em campo, os saberes das histórias de vida em comunidades rurais no sertão de Minas Gerais/Brasil. In: VII Congresso latino americano de sociologia rural Associação latinoamericana de sociologia rural, Quito: Equador, 2006, anais.

PEREIRA, Antônio Emílio. Memorial Januária: Terra, Rios e Gente. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.

PISELLI, F. Mulheres migrantes: uma abordagem a partir da teoria das redes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 50, fev. 1998.

RODRIGUES, Luciene. Especificidades setoriais dos municípios do Norte de Minas: um instrumento para o desenvolvimento setorial regional. In: Cadernos BDMG. Belo Horizonte, 2005, nº10.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SERTÓRIO, L.B.; SANTOS, M. O. **Relações entre trabalho, educação, gênero e migração**. 2010.

WALL, K.; NUNES, C.; MATIAS, A. R. **Mulheres imigrantes e novas trajetórias de migração: um crochê transnacional de serviços e cuidados no feminino**. Disponível em: < [www.ics.ul.pt/.../Karin%20Wall%20-%20Publicações%202008%20nº...>. 2012.](http://www.ics.ul.pt/.../Karin%20Wall%20-%20Publicações%202008%20nº...)